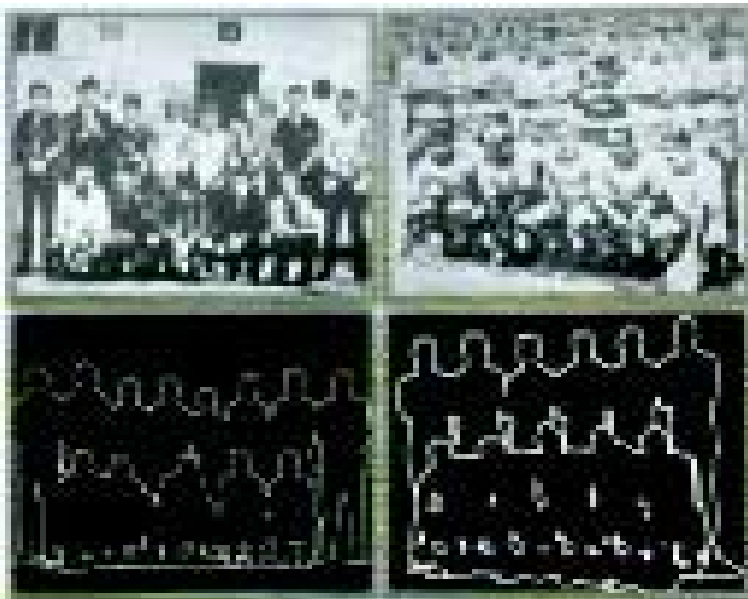


SINPRO-RIO - 70 ANOS

Contra a Tortura /
Pela liberdade
de expressão



Anistia



Os desaparecidos (Rubens Gerchman)

Diretas Já!



Maio 1964

Ferreira Gullar*

Na leiteria a tarde se reparte
em iogurtes, coalhadas,
copos de leite
e no espelho meu rosto.
São quatro horas da tarde,
em maio.

Tenho 33 anos e uma gastrite.
Amo a vida
que é cheia de crianças,
de flores e mulheres, a vida,
esse direito de estar no mundo,
ter dois pés e mãos, uma cara
e a fome de tudo, a esperança.

Esse direito de todos
que nenhum ato
institucional ou constitucional
pode cassar ou legar.

Mas quantos amigos presos!
quantos em cárceres escuros
onde a tarde fede a urina e terror.

Há muitas famílias sem rumo esta tarde
nos subúrbios de ferro e gás
onde brinca irremida a infância da classe operária.

Estou aqui.
O espelho não guardará a marca deste rosto,
se simplesmente saio do lugar
ou se morro
se matam.
Estou aqui e não estarei, um dia,
em parte alguma.
Que importa, pois?
A luta comum me acende o sangue
e me bate no peito
como coice de uma lembrança.



Os Presidentes Gerais - Péricles

Ferreira Gullar é poeta e escritor

Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

(representada pelo conselheiro Henrique Miranda)

Na luta pela liberdade de expressão, e em tantas outras batalhas travadas pelos movimentos sociais, contamos com o seu incondicional apoio.

Por essas razões, esteve na alça de mira do Regime Militar, tendo sofrido um atentado à bomba, em 1976.

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundada em 1908, e seu combativo presidente Barbosa Lima Sobrinho (in memoriam) recebem hoje a homenagem do Sinpro-Rio, através do conselheiro **Henrique Miranda**.



Barbosa Lima Sobrinho (ao centro), democrata e patriota foi representado por Henrique Miranda (foto ao lado)



“Realmente, não é fácil para mim representar a ABI, porque tenho apenas 51 anos de associado — é um nada — e 21 anos de Diretoria. Antes, eu era associado do Sindicato dos Professores. Então, gostaria de falar também da luta do Sindicato. Mas isto será feito, no final, pelo meu querido Robespierre Martins.

Há mortos que desaparecem. Há mortos que sobrevivem. Entre os sobreviventes, e é em nome dele que falo neste momento, temos aquele que simbolizou por tanto tempo a dignidade dos patriotas, a força na defesa da soberania, da integridade territorial, da defesa da nossa Amazônia, do que lutou em cerca de 13 mil artigos. Eu falo em nome de Barbosa Lima Sobrinho.

Entre estes textos, houve o que falava em que atualmente somente há dois partidos: o partido de Tiradentes e o de Silvério dos Reis. Nós somos do partido de Tiradentes.

Alguém que está no poder e que se chama Fernando Henrique preside, hoje, o partido de Silvério dos Reis.

Dinossauro, jurássico, neo-bobo. Expressões de um cretino a pretender dissolver o ímpeto daquilo que se chama e se chamará sempre amor à Pátria. Isto é nacionalismo, defesa das tradições de um povo, integração com os seus ideais.

Mais uma luta e venceremos!”

Henrique Miranda (ABI)

Chico Buarque de Hollanda

(impossibilitado de comparecer, foi representado por Ruy Faria, do MPB-4)

A poesia, a ironia, foram grandes aliadas nos tempos de chumbo. E quem não cantou, não sorriu e não chorou?

Não poderíamos deixar de lembrar de quem embalou os nossos sonhos de liberdade e nos fez dizer nossas palavras de ordens, cantando nas ruas algumas músicas que se tornaram verdadeiros hinos de luta e de vitórias.

E quem não comemorou?

Apesar de você/amanhã há de ser outro dia...

O Sinpro homenageia **Chico Buarque de Hollanda**.



MPB-4

(representado por Ruy Faria)

“Você corta um verso/eu escrevo outro/que medo você tem de nós/olha aí...”

Eles se conheceram no Centro Popular de Cultura, da UNE. Seus shows tiveram sempre forte conteúdo crítico.

“República de Ugunga”, show de 1975, ficou por mais de um ano em cartaz e foi proibido pela Censura do Regime Militar.

Muitas vezes correram riscos prestando ajuda a perseguidos políticos ou participando de espetáculos, como o “1.º de Maio”, de 1980, no Riocentro; na Campanha das Diretas Já, e da Anistia.

Aquiles, Miltonho, Ruy e Magro: o **MPB-4** recebe a homenagem do Sindicato dos Professores, através de Ruy Faria.



*“Agradeço, muito honrado, em nome de meus companheiros.
Este é um momento de muita emoção para mim, porque estou acompanhado de pessoas admiráveis, importantes e lúcidas.*

Muito obrigado!”

Ruy Faria



**MPB-4 e Chico Buarque:
momentos antológicos**

Ziraldo

Ele já era um autor de sucesso quando, junto com outros jornalistas, criou o “Pasquim”. Uma verdadeira trincheira na luta contra o Regime Militar.

Jeremias, a Super-Mãe, o Menino Maluquinho, e tantos outros fazem dele um verdadeiro educador.

E quem mais é capaz de transformar uma cor em personagem?

Nossa sincera homenagem a **Ziraldo**, que sempre apoiou os professores em suas lutas e esteve lado a lado dos que lutaram pela democracia no Brasil.



Uma Professora muito Maluquinha
(Ziraldo)



“Só na hora em que saí de casa é que percebi para onde eu vinha. Não tinha percebido o que ia acontecer comigo hoje. Acho um exagero, muito obrigado.

Lembro de Dona Neli, Dona Noêmia, Dona Maria do Carmo, Dona Maria Helena, Dona Dália, Dona Maria Figueiredo, Dona Maria da Glória, Freitas, Seu Armando Silva, Professor Roldano, Dona Neide. Tem 50 anos que eu não os vejo e lembro deles.

Essa categoria é a mais bela que existe na vida. É o trabalhador que eu mais admiro.

Receber destes trabalhadores esta homenagem é voltar a este tempo de felicidade. Hoje, estou tão feliz como estava no dia quando conheci os nomes que mencionei.

Muito obrigado pelo exagero de vocês!”

Ziraldo

Uma Professora muito Maluquinha (Ziraldo)

A tortura

Na quinta-feira, três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão, cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas: “Vai ter que falar senão só sai morto daqui!”, gritou. Logo vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na cadeira-do-dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos, e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, com se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao pau-de-arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pemas, que cada vez mais se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala, dizendo que passariam a descarga elétrica para 220 volts, a fim de que eu falasse “antes de morrer”. Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, bateram em minhas mãos com palmatórias. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não poder fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez da manhã, quando chegou o capitão Albermaz.” (“Batismo de Sangue - ed. Casa Amarela, p. 260”).

Este relato é uma amostra da descrição de torturas sofridas por Frei Tito de Alencar Lima, em 1969, nas dependências do Doi-Codi de São Paulo, onde mais tarde Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho seriam “suicidados”. Enlouquecido pelas agressões, o frade dominicano veio a falecer em 1974.

“A tortura deixou de existir para sempre”, escreveu Victor Hugo, em 1874. Infelizmente, o autor de “Os Miseráveis” equivocou-se. Nem a tortura nem os que ousam tentar justificá-la desapareceram. Segundo a Anis-

tia Internacional, a tortura é aplicada ou tolerada por governos de pelo menos 60 países, entre os quais o Brasil.

Hélio Pellegrino frisou que “a tortura busca, à custa do sofrimento corporal insuportável, introduzir uma cunha que leve à cisão entre o corpo e a mente. E, mais do que isto: ela procura, a todo preço, semear a discórdia e a guerra entre o corpo e a mente. O projeto da tortura implica uma negação total - e totalitária - da pessoa, enquanto ser encarnado. O centro da pessoa é a liberdade. Na tortura, o discurso que o torturador busca extrair do torturado é a negação absoluta e radical de sua condição de sujeito livre.”

O Antigo Testamento defende os escravos das arbitrariedades: “Se alguém ferir o seu escravo ou a sua serva com uma vara, e o ferido morrer debaixo de sua mão, será punido” (Êxodo 21, 20). São Paulo chega a apelar à sua cidadania romana para livrar-se das sevícias (Atos 22, 24). Tertuliano, no século II, exorta os soldados convertidos à fé cristã a evitarem torturas (De Corona). Lactância, no século IV, em sua “Divinae Institutiones”, condena a tortura “por ser contra o direito humano e contra qualquer bem”.

Santo Agostinho, na “Cidade de Deus”, repudia a sua aplicação por tratar-se de pena imposta a quem ainda não se sabe se é culpado. No entanto, a Inquisição tentou sacramentar a tortura. “Tortura-se o acusado, com o fim de o fazer confessar os seus crimes”, reza o “Manual dos Inquisidores”, de Nicolau Emérico. São Tomás de Aquino, porém, considerou a tortura delito mais grave que o homicídio, pois aquela convoca a vítima a ser testemunha de seu opróbrio.

Sob o regime militar, nenhum agente do Estado, pago pelo contribuinte para defender e encarnar as leis, tinha o direito de torturar, assassinar e fazer desaparecer pessoas. São crimes hediondos. No entanto, enquanto a Argentina mandou para a cadeia os militares responsáveis pela ditadura, e agora o Chile dá-nos um exemplo de cidadania e democracia, apurando os crimes praticados em nome do combate ao terrorismo, sem poupar o general Pinochet, aqui uma lei de anistia, que envergonha os princípios do Direito, assegura impunidade aos torturadores e ainda enseja articulistas a considerações “filosóficas” sobre a única matéria que a memória se recusa a esquecer: a dor humana.

*Frei Betto**

** Frei Betto é escritor.*



Pense ou morra
(Rubens Gerchman)

Dom Mauro Morelli

Nos piores anos da ditadura, alguns ajudaram a segurar o braço do carrasco. Entre os que lutaram contra as atrocidades e a tortura, devemos citar a ação de alguns religiosos: a CNBB, a Comissão de Justiça e Paz, o Cardeal Dom Evaristo Arns e Dom Hélder Câmara e, em nosso Estado, iremos homenagear um homem que esteve sempre na primeira linha na luta contra a injustiça.

Em nome de todos os brasileiros que lutaram contra a tortura, gostaríamos de agradecer ao **Bispo Dom Mauro Morelli**, da Arquidiocese de Duque de Caxias.



“Companheiros e companheiras. Não vou fazer o “Sermão das 7 Palavras” que, na antiga Semana Santa, levava três horas.

Com a idade, a gente precisa aprender a ficar em silêncio. A dizer aquilo que realmente precisa ser dito.

Festa é assim: saudade e esperança.

Sem Educação, o mundo não tem futuro. Por isso, com a minha presença eu quis também homenagear vocês.

Fui professor durante quatro anos e toda a minha vida adulta é de educador.

Agradeço a tantas pessoas aqui, mulheres e homens, porque o testemunho de vocês me ajudará a ser fiel na minha missão.

Em especial, ressalto o que para mim significa liberdade de imprensa. Na minha vida, uma das penúltimas palavras que eu gostaria de dizer seria Pasquim, onde eu nunca fui censurado. Nenhum outro jornal me publicou tantos artigos, me deu tanto espaço quanto o Pasquim.

Sou muito feliz por isso. No Pasquim, pude pregar o Evangelho da vida.”

Dom Mauro Morelli

Grupo Tortura Nunca Mais

(Elisabete Silveira e Silva – presidente)

Lutar pelos direitos humanos passou a ser ainda mais importante na vida daqueles que sofreram os horrores da tortura e da perseguição política. Muitos se juntaram aos familiares de mortos e desaparecidos e fundaram, em 1985, uma organização que vem lutando contra toda e qualquer violação dos direitos humanos e combatendo qualquer tipo de violência.

E ainda mais: para que fique viva na memória de todos nós as consequências de um regime autoritário, eles contam a história dos que sofreram com a barbárie do Regime Militar.

O Sindicato dos Professores homenageia o “**Grupo Tortura Nunca Mais**”, na pessoa de sua presidente **Elisabete Silveira e Silva**.



Projeto do Monumento “Arco da Maldade”, elaborado para o GTNM-RJ por Oscar Niemeyer



“Agradeço em nome de todos os companheiros do Grupo Tortura Nunca Mais, do Rio, a homenagem prestada pelo Sindicato dos Professores, que me deixa muito emocionada, porque também sou professora sindicalizada.

Fico feliz que o meu Sindicato faça uma homenagem destas, tão bonita, a um grupo que luta há tanto tempo pelo esclarecimento de mortes e desaparecimentos políticos, mas que também luta atualmente, como sempre lutou, contra todas as violações dos direitos humanos.

Sinceramente, agradecemos a homenagem. Muito obrigada!”

Elisabete Silveira e Silva

Pátria Minha

(Poema escrito no exílio)

Vinicius de Moraes*

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, porque e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que laboram e liqüefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha,
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é um grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar

Mais do que a mais garrida minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
“Liberta que serás também”
E repito!

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
“Pátria minha, saudades de quem te ama...”



O ex-presidente Juscelino Kubitschek
no exílio (Foto de Luiz Carlos Barreto)

* *Vinicius de Moraes, poeta e diplomata*

Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)

(Representada por Herman Baeta)

Muitas organizações lutaram para que os exilados e presos políticos pudessem retornar ao convívio de suas famílias e amigos, reconstruir suas vidas roubadas pela brutalidade do Regime Militar.

Em 1978, uma dessas organizações, sob a presidência de Raimundo Faoro, apresentou Teses propondo a **ANISTIA**.

O Sindicato dos Professores homenageia a Ordem dos Advogados do Brasil e todos os advogados que lutaram pela liberdade e democracia. Para receber nossa homenagem, em nome da **OAB**, chamamos o advogado **Herman Baeta**.



“Em nome do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, tenho a grande satisfação de agradecer esta homenagem e dizer aos presentes, especialmente à direção do Sindicato dos Professores, que apoiamos e participamos, muitas vezes em comum, desta luta pela democratização da sociedade brasileira.

Às vezes, até intensamente, como aconteceu nas décadas de repressão.

Desejamos que, hoje, neste aniversário de 70 anos, que coincide com o aniversário da OAB, estejamos cada vez mais unidos, porque a luta não pode parar.

Estamos ainda num momento difícil da sociedade brasileira que requer de todos nós, advogados, professores, médicos, operários, de todos os profissionais, em geral, uma luta intensa para que possamos não retroceder, nem tampouco fazer com que a sociedade brasileira fique estagnada.

É preciso que tenhamos clarividência, como agora, esperança e força de vontade para prosseguir na luta para conquistarmos definitivamente o Estado Democrático de Direito.

Muito obrigado!”

Herman Baeta – ex-presidente do Conselho Federal da OAB

Comitê Brasileiro pela Anistia

A mobilização que garantiu a conquista da ANISTIA teve como atores familiares de presos políticos, exilados e ex-presos políticos.

Eles criaram, em 1978, o Comitê Brasileiro pela Anistia. Até 1979, o Comitê lutou pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita e pelo fim da Lei de Segurança Nacional.

Convidamos **Iramaya Benjamin** para receber nossa homenagem.

Impossibilitada de comparecer, recebeu o Troféu posteriormente.



Diretas Já!

*Zuenir Ventura**

A ditadura militar dava seus últimos suspiros, se estrebuchava, se agarrava ao poder pelas mãos duras do general Figueiredo, quando um vento cívico de proporções nunca vistas varreu o país naquele ano de 1994. Era a Campanha das Diretas Já, um movimento que, através de 33 comícios em diversas capitais, promoveu as maiores concentrações populares a que o país jamais assistira.

Das Diretas disse o jurista Sobral Pinto, que aos 90 anos participou do comício da Candelária, levando à emoção mais de um milhão de pessoas: “Foi o acontecimento mais importante da transformação do regime militar em regime de ordem jurídica e de predomínio da dignidade humana”.

Tudo começou com um pequeno comício em São Paulo, em novembro de 83, reunindo cerca de 15 mil pessoas. O segundo foi em Olinda, com o mesmo número de pessoas. Em seguida, Curitiba, com 50 mil, Salvador (20 mil), Vitória (10 mil), Praça da Sé, em São Paulo (300 mil) e muitas outras cidades: São Luís, Belém, Recife, Rio. Em abril de 84, as manifestações alcançaram o seu clímax: no dia 10, 1 milhão e 300 mil pessoas se concentraram na Candelária para o maior comício até então realizado no país. Seis dias depois, São Paulo batera esse recorde, reunindo 1 milhão e 500 pessoas no Vale do Anhangabaú.

A campanha das Diretas não foi apenas uma série de atos políticos; foi muito mais do que isso. Foram mais ou menos quatro meses de uma gigantesca festa popular, algo assim como a conquista da Copa do Mundo, uma copa de civismo em que a esperança era a palavra de ordem e o verde e amarelo suas cores. Uma pesquisa da época revelava que 85% dos brasileiros apoiavam o movimento. Os artistas se misturavam com os políticos nos palanques e os shows cívicos duravam quatro, cinco, seis horas. Estavam todos unidos: Tancredo, Ulysses, Lula, Brizola, Quêrcia, Montoro.

No comício da Candelária podia-se ver um quase desconhecido dos cariocas, um certo Fernando Henrique Cardoso, pegar carona no sucesso alheio, fazendo questão de posar entre as cantoras Beth Carvalho e Fafá de Belém, enlaçando as duas principais vozes femininas das Diretas. Cantava-se, dançava-se, pulava-se, aplaudia-se, ria-se e chorava de alegria ao som de muitos hinos e muito samba.



O movimento teve sua estética e seus personagens, sua trilha sonora, suas cores, imagens, palavras e gestos. O locutor esportivo Osmar Santos era o apresentador dos comícios, o deputado Ulysses Guimarães era o “Senhor Diretas”, Teotônio Vilela, que morreu de câncer naquele ano, uma espécie de mártir. Ouvia-se com devoção Fafá de Belém interpretar “O Menestrel das Alagoas” que Milton Nascimento fizera para o dissidente Teotônio, que era da Arena, partido do governo. Junto com o próprio Milton cantava-se com arrepios cívicos na alma “todo o artista tem de ir aonde o povo está” ou “amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito”. “Coração de estudante” era destaque obrigatório, mas o encerramento cabia ao Hino Nacional.

Claro que viria a ressaca, confirmando a ciclotímia que marcou o Brasil durante todos esses últimos tempos: a euforia alternando com a depressão. No dia 25 de abril de 1984, o Congresso Nacional frustrava a aspiração dos 130 milhões de brasileiros ali representados: com 298 votos (22 a menos do que o necessário), era derrotada a emenda que permitiria a realização de eleições diretas para a sucessão do general João Batista Figueiredo.

Mantido o Colégio Eleitoral, a ditadura continuava e a abertura ainda teria que esperar mais. Sofreria tropeços como a morte de Tancredo Neves e teria que fazer uma travessia lenta, dolorosa e pouco segura em direção à democracia.

Mas, depois da campanha das Diretas Já, nada mais foi igual, o país não seria o mesmo.

** Zuenir Ventura é jornalista e escritor*

Luís Ignácio Lula da Silva

(representado pelo deputado Jorge Bittar)



Chico Caruso

O homem que presidiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e de Diadema e liderou a greve do ABC paulista, em 1978, durante o Regime Militar, foi candidato à Presidência da República de muitos dos homens de esquerda deste país.

Em 1982, ele promoveu a criação da Central Única dos Trabalhadores. Sua atuação foi da maior importância na Campanha das Diretas Já! Fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), este homem luta até hoje por um país livre, democrático e igualitário.

Homenageamos **Luís Ignácio Lula da Silva**, através do deputado federal, do PT/RJ, Jorge Bittar.



“É difícil receber em nome de uma personalidade, de uma figura que é parte da história do país.

Agradeço ao Sinpro esta celebração democrática tão importante, sobretudo nos dias pelos quais passamos.

Rendo minhas homenagens aos 70 anos de luta desta instituição, que pelo menos nos últimos 20 e poucos anos acompanhei de perto.

O Lula costuma dizer que só alcançou a notoriedade que tem porque conseguiu escapar do destino cruel de muitos trabalhadores nordestinos.

Com estas palavras, quero entender que a homenagem a Lula é também a homenagem a milhões de brasileiros que, no dia-a-dia, lutam por liberdade, por justiça e por democracia no país.

Obrigado!”

Jorge Bittar

Ulysses Guimarães

(*in memoriam* — representado pelo senador Pedro Simon)

Navegar é preciso. O “Senhor Diretas” subiu aos palanques do alto de seus dezenove mandatos consecutivos como deputado federal e lutou pela eleição direta.

Presidente do Congresso Nacional, na Constituinte foi um dos mais importantes articuladores do que passou a ser chamada de “Constituição Cidadã”.

A Campanha das Diretas foi uma das muitas lutas do Sindicato dos Professores, que presta uma homenagem para **Ulysses Guimarães** e chama para recebê-la, *in memoriam*, seu companheiro de jornada, o senador pelo PMDB/RS, **Pedro Simon**.



“Quero dizer, presidente, que na minha longa vida pública esta é a hora mais emocionante.

Para mim, simples mortal, foi uma honra incomensurável os amigos, na hora de entregar este prêmio, escolherem um amigo do Doutor Ulysses.

Venho receber este prêmio numa sessão que, sinceramente, nos meus 70 anos nunca assisti igual e nunca imaginei que assistiria num país que não tem memória, que nem o nosso. Um país em que a gente se despreocupa com a manchete do roubo, da vigarice de hoje, porque sabe que, a não ser ladrão de galinha, ninguém vai para a

cadeia. E, por conseguinte, ninguém se lembra das coisas que aconteceram.

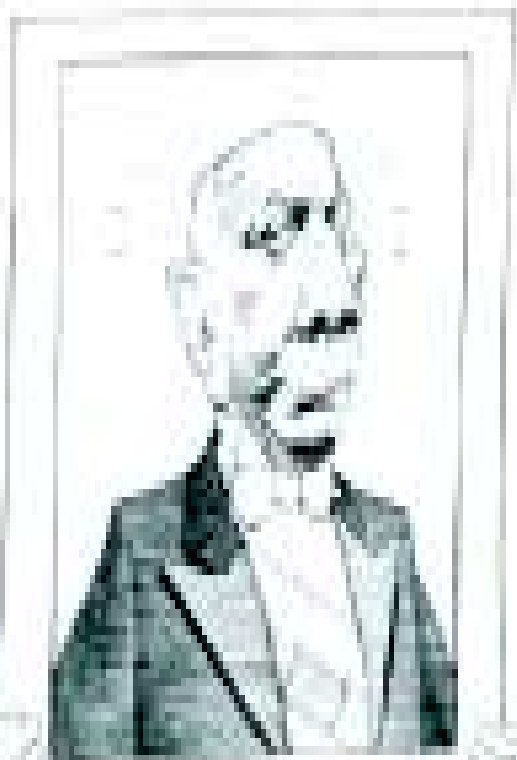
Uma reunião como esta é algo emocionante. Estamos nós aqui, numa sala lotada, festejando os 70 anos de um Sindicato de Professores que honra e dignifica o nosso país. Os senhores não poderiam escolher uma melhor fórmula de homenagear do que as citações que estão sendo feitas ao longo da noite. Infelizmente, só para nós.

Nós que temos de assistir, todos os domingos, o show do fulano, do beltrano, de não sei mais quem dos programas de televisão que bem poderiam, no próximo domingo, dizer: Às 20 horas, no Fantástico,

no Programa do Sinpro, a lembrança do que foram os últimos 100 anos deste país.

Seria bom se o Brasil pudesse assistir o que estamos vendo aqui. Seria bom que a nação pudesse compreender a História que está aqui. Seria bom que, através de minisséries, biografias, pudéssemos ver e sentir o que é a História do Brasil.

A História é simples, desta caminhada fantástica que se divide entre a luta feita antes de 1930, entre a luta feita no Estado Novo, a luta pelos direitos, pela Petrobrás, e tantos outros na democracia, e pela luta violenta na hora da ditadura. Foi o nosso povo quem fez isto. Gente simples, gente importante, gente ilustre, gente anônima.



Chico Caruso

Quando se imaginava que a ditadura, no Brasil, fosse durar praticamente como o Império Romano, quando, em 1970, o voto branco ganhou do MDB, e quando eles acertavam até o resultado da Copa do Mundo, achando que iam ficar a vida inteira, teve gente que resistiu, que lutou — lembra aqui. Teve gente que foi lembrada apenas na poesia, como aqueles que apanharam, que sofreram, que derramaram sangue.

Deus não foi justo conosco. Tancredo Neves não podia morrer naquele momento. Pois, se ele fosse presidente, mudava esta História.

Quando a gente imaginava que Fernando Henrique, que escreveu grandes livros, grandes obras, que tinha respeito pela sociedade...?

Eu, que fui líder do governo Itamar, posso dizer, com toda a sinceridade, que nesta luta e neste trabalho nós tínhamos o direito de esperar que o Fernando Henrique fosse um presidente, não com a grandeza do pai dele, general, mas a dignidade, a seriedade de um professor da Universidade de São Paulo.

Hoje, estamos aqui. Nós que fizemos um movimento e ele, que entrou pelo lado, comandando o Brasil. E o que é mais triste: trazendo uma mágoa muito profunda àquelles que lutaram para chegar lá e que tinham o direito de buscar o Brasil diferente.

Meus irmãos, é difícil encontrar em nossa História personalidades como o velho Ulysses.

Ulysses sem posses, sem preocupação, andando pelo Brasil, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Como Moisés guiou o povo de Israel, Ulysses guiou o povo brasileiro, no deserto, na luta contra a ditadura.

Eu até hoje não sei de um pecado que Ulysses tenha cometido. Mas sei do caráter, da grandeza, do espírito público dele, do Tancredo Neves e do Teotônio Vilela, que são os grandes nomes da história da nossa luta, no final do século passado.”

Pedro Simon